

## 5

# Renascença (séculos 14-16): práticas tradutórias na Inglaterra, França e Alemanha

### 5.1

#### Contextualização

Ao final da Idade Média, a Europa passou por um fecundo período de renascimento das letras e das artes. Esse movimento, iniciado na Itália a partir do século 14, espalhou-se para os demais países europeus e teve seu apogeu no século 16. Ficou conhecido por Renascença ou Renascimento, termos que passaram a ser utilizados a partir do século 15 para designar uma estética que retomava os modelos da Antigüidade Clássica. Cabe no entanto dizer que o estudo da cultura clássica já constituía paradigma de erudição entre os homens mais cultos da Idade Média, inclusive o clero.

Durante esse período renascentista a visão do homem sobre o mundo e sobre si mesmo modificou-se, na medida em que ele se afastou do teocentrismo medieval, ou seja, deixou de ter Deus como ponto de partida para todas as explicações acerca do universo, suas origens e seus mecanismos. Essa passagem ao antropocentrismo, isto é, ter a si próprio como objeto de observação, levou à multiplicação dos estudos no campo das ciências humanas.

O Renascimento foi um dos períodos mais férteis na história da ciência. Galileu Galilei afirmou que a Terra não era o centro do universo, uma vez que ela, na verdade, é que girava em torno do Sol. As teorias científicas de Galileu colidiram com os conceitos e preceitos da Igreja Católica, que obrigou o cientista italiano a renegar seus conhecimentos. Ele o fez, mas deu continuidade a suas pesquisas junto a outro grande nome da física de seu tempo: Copérnico. O conhecimento teve um salto qualitativo, apesar da pressão do clero.

A invenção da bússola e o aprimoramento das técnicas de navegação facilitaram a expansão européia: abriu-se uma nova rota marítima para as Índias, com Vasco da Gama. Os notáveis avanços da tecnologia de navegação da época

resultaram na chegada de Cristóvão Colombo ao continente que veio a chamar-se América.

Na arte, Leonardo da Vinci mudou a perspectiva da pintura e consagrou os padrões renascentistas. A arte abandonou o motivo quase absoluto da representação religiosa.

A sociedade feudal, a partir da Renascença, teve seus mercados alterados através do nascimento de uma burguesia urbana que revolucionou os padrões vigentes na produção. Os centros urbanos se multiplicaram a partir do desenvolvimento das atividades comerciais. Os antigos feudos decaíram.

## 5.2

### Um panorama da tradução na Europa renascentista

O crescimento da atividade tradutória após a Idade Média foi decorrente de importantes fatores, tais como a invenção da imprensa (1440) por Guttenberg; o grande interesse renascentista pela erudição clássica grega e latina; a conquista de novos mundos; o nascimento e/ou desenvolvimento das literaturas nacionais como resultado de um projeto político de poder e o decorrente sentimento de nacionalidade; a disseminação da Bíblia em línguas vernáculas; e a Reforma Protestante, iniciada no princípio do século 16. De fato, o fervor religioso advindo da Reforma provocou a tradução dos livros sagrados para dialetos variados.

O desenvolvimento das línguas vernáculas partiu de um desejo de unidade nacional com o objetivo de controle político dos povos que compartilhavam a mesma língua. Na Inglaterra, França e Alemanha – países que exemplificam o empenho no estabelecimento definitivo do vernáculo<sup>5</sup> –, o fortalecimento das línguas nacionais deveu-se, em grande parte, à tradução, a qual possibilitou uma expansão dos conhecimentos na língua de cada um desses Estados. Na Renascença, portanto, a tradução favoreceu a ampliação das línguas vernáculas, tendo funcionado como uma das principais alavancas de um projeto político de poder, pois, como se sabe, o estabelecimento de uma língua envolve lutas que silenciam inúmeros dialetos para conferir ao Estado sua consagração política.

---

<sup>5</sup>Além da Espanha de Alfonso X, já mencionada no capítulo anterior.

Na consolidação das línguas vernáculas, a Reforma Protestante teve grande importância: a Igreja Católica impunha o latim como língua da fé cristã, enquanto que na Europa de um modo geral a Reforma defendia a Bíblia em vernáculo. Com a crescente secularização da sociedade, a tradução vigorou como instrumento de subversão aos preceitos da Igreja Católica, que se tornou cada vez mais intolerante.

Assim, na Europa renascentista, a tradução cumpriu pelo menos duas importantes funções políticas: a de força propulsora das nações e a de força revolucionária nos conflitos religiosos. Imbricada a essas funções, a função cultural de enriquecimento da vida intelectual, propiciado pelos vernáculos.

At a time of explosive innovation, and amid a real threat of surfeit and disorder, translation absorbed, shaped, oriented the necessary raw material. It was, in a full sense of the term, the *matière première* of the imagination. Moreover, it established a logic of relation between past and present, and between different tongues and traditions which were splitting apart under stress of nationalism and religious conflict. (Steiner *apud* Bassnett-McGuire, 1980: 58)

### 5.3

#### A tradução na Inglaterra renascentista

Após a conquista normanda em 1066, o francês passou a ser a língua dos círculos oficiais, enquanto o latim era a língua acadêmica. Esse cenário mudou no século 14, quando o inglês começou a ocupar, no país, o lugar de língua oficial: foi introduzido nas escolas em 1350; em 1362, nos tribunais; e em 1399, no Parlamento. Geoffrey Chaucer (1340-1400), um dos maiores poetas da Inglaterra, teve grande importância para o estabelecimento do inglês como língua nacional devido a sua decisão de escrever em inglês. Traduziu muitas obras do francês e do latim, valendo-se de acréscimos quando julgava necessário.

Outro nome notável nesse processo de enriquecimento da língua inglesa foi William Caxton (1422-1491). Ele era operador do comércio de exportação e importação, negociador de lã – produto mais importante dessa época – e de manuscritos ilustrados de romances, obras de história e religiosas. Começou a traduzir relativamente tarde, e em Colônia, na Alemanha, aprendeu a arte de imprimir, publicando sua tradução *The recuyell of the histories of Troye* em 1473-

74, o primeiro livro impresso em inglês. Além disso, imprimiu muitos livros para seus clientes aristocratas, boa parte de sua própria obra e algumas traduções importantes, tais como as *Metamorfoses*, de Ovídio, *Espelho do mundo*, do compêndio informativo medieval intitulado *Image du monde*, e as *Fábulas*, de Esopo.

Quando Caxton instalou sua própria imprensa, o inglês londrino já era aceito na maior parte do país. Sua importante decisão de reproduzir – em suas traduções e em outras obras – a linguagem e a grafia usadas em Londres e no sudoeste da Inglaterra foi responsável pela difusão e adoção dessa modalidade do inglês no restante do país.

Em prefácio ao seu poema *Eneydos*, uma paráfrase do poema *Eneida*, de Virgílio, Caxton revelou como era sua prática tradutória:

Reduzi e traduzi este livro para a nossa língua com palavras que não fossem rudes ou estranhas, mas com termos que pudessem ser compreendidos. (*apud* Deslile e Woodsworth, 1998: 43)

Ele buscava usar uma linguagem de compreensão fácil pelos leitores, ainda que com tendência a preservar o “toque” francês, mantendo algumas palavras desta língua e a ordem direta do discurso, característica das línguas neolatinas e, portanto, anômala ao inglês.

Caxton ficou conhecido como o primeiro editor inglês, embora seu poder não adviesse dessa atividade: era um rico e influente comerciante de lã, razão pela qual ganhou a honra de Governador da Nação Inglesa dos Comerciantes de Importação e Exportação nos Países Baixos. Quando se iniciou na prática tradutória, William Caxton já detinha considerável poder intelectual.

Os tradutores da Bíblia na Inglaterra, como nos demais países europeus, desempenharam um papel fundamental no desenvolvimento do vernáculo. John Wycliffe (1320-1384) e seus discípulos, os *lollards*, produziram a primeira versão completa da Bíblia inglesa, baseada na *Vulgata* latina. Entretanto, o enriquecimento mais decisivo do vernáculo inglês em tradução bíblica coube a William Tyndale (1494-1536), o primeiro a traduzir a Bíblia a partir do original hebraico e grego.

Em 1523, Tyndale procurou em Londres apoio do bispo Cuthbert Tunstall para seu projeto de tradução da Bíblia diretamente das línguas originais: o

hebraico, no caso do Antigo Testamento, e o grego, no caso do Novo Testamento. Tendo fracassado, Tyndale foi para a Alemanha, onde conheceu Martinho Lutero, que exerceu sobre ele grande influência – tanto que, como Lutero, preocupou-se em tornar o texto bíblico acessível ao maior número possível de pessoas. Sua qualidade maior foi privilegiar a clareza, derivada do treinamento em lógica e retórica recebido em Oxford. No entanto, as autoridades de Colônia, onde Tyndale estava, preocupadas com seu estilo, impediram a publicação da obra. Ele finalizou seu projeto em 1525, em Worms.

Para atingir seu objetivo, que era o de traduzir para a língua que o povo falava, e não para a língua escrita dos eruditos, Tyndale “usava um vocabulário simples, de palavras monossilábicas, e criava novos termos, que se incorporavam ao idioma: *Passover* (Páscoa), *scapegoat* (bode-expiatório) e até o nome *Jeovah* (Jeová)” (Deslile e Woodsworth, 1998: 46) –, estratégia que contribuiu para o enriquecimento do léxico inglês. A Bíblia de Tyndale, ao contrário das volumosas Bíblias produzidas então na Europa continental, era reduzida. Assim ela podia circular sem muita dificuldade e chegar aos leitores comuns, o que constituiu um fato importante, pois na Inglaterra dessa época a Igreja se opunha à leitura da Bíblia em vernáculo.

Todavia, como os portos eram vigiados, os exemplares do Novo Testamento de Tyndale foram apreendidos e queimados publicamente em St. Paul’s Cross, na Inglaterra. Tyndale foi condenado como herege, morto e também queimado em espaço público em 6 de outubro de 1536, em Vilvorde, perto de Bruxelas.

Tal episódio demonstra a importância da tradução no quadro político-cultural das sociedades européias renascentistas e seu papel revolucionário na luta contra o clero, bem como em outras lutas ideológicas.

Apesar das contribuições de Chaucer, Caxton e Tyndale para a ampliação da língua inglesa, até 1570 o inglês ainda era considerado um idioma precário em comparação com as línguas clássicas e com o italiano, o francês e o espanhol contemporâneos. Todavia, tal situação foi alterada pelo surgimento de um público leitor proveniente da classe mercantil, que, não dominando as línguas clássicas – grego e latim –, buscava a leitura de textos em vernáculo.

Para esses novos leitores, a clareza precisava ser ressaltada, o que afetava a estratégia dos tradutores. O primeiro obstáculo que estes enfrentavam era a

precariedade da língua vernácula para expressar as diferenças culturais trazidas pelos textos-fonte. Segundo Deslile e Woodsworth (1998: 214), “os tradutores podiam expandir o vocabulário da língua-meta, usando palavras emprestadas, ou então identificar na cultura-meta termos equivalentes, ou aproximadamente equivalentes, de modo a expressar os fenômenos culturais estrangeiros”. A preferência dos tradutores pela busca de termos equivalentes ou aproximadamente equivalentes na cultura-meta trouxe, como conseqüência, uma significativa naturalização dos textos de partida. O aumento do vocabulário da língua inglesa através da criação de neologismos foi outra conseqüência da tradução nesse período. Os tradutores confessavam ter muitas dificuldades em traduzir o número infinito de palavras das ricas línguas grega e latina, e a solução encontrada por eles era, muitas vezes, inventar novas palavras.

Até o século 16, os tradutores encontravam problemas logísticos para realizar seu trabalho. Apesar da invenção da imprensa no século 15, os livros ainda eram escassos. *Sir* Thomas Elyot disse que não conseguiu terminar a tradução de um livro de Alexander Seneres, porque o dono o quis de volta. Isso mostra a quantidade insuficiente de livros, o que tornava a tradução uma tarefa de difícil realização.

Contudo, ainda nesse século surgiu o conceito do dever público do tradutor, cujo trabalho passou a ser de grande importância para o Estado. Como escreveu John Milton (1998: 18), “Richard Taverner diz que traduziu parte do *Chiliades* de Erasmo ‘pelo amor que tenho à melhoria e ao ornamento do meu país’”. Através dessa explicação do tradutor, é possível inferir que a tradução era uma maneira de contribuir para a concretização de um projeto político de unidade nacional.

Em suma, na Inglaterra renascentista, como visto, o objetivo político-cultural da tradução era o enriquecimento e fortalecimento da língua vernácula e as estratégias tradutórias se constituíam em função desse objetivo: empréstimos de palavras da língua de origem, neologismos, modificação do estilo do original com intenção de agradar o leitor e simplificação da linguagem para tornar o texto acessível. Cabe lembrar que esse enriquecimento do vernáculo implicou o enriquecimento da literatura inglesa, dada a introdução de modelos estrangeiros. A prática tradutória dessa época caracterizou-se pela imitação: os tradutores alteravam o texto através de omissões e acréscimos. Em relação à tradução da

Bíblia para o vernáculo, cabe lembrar que Tyndale também valeu-se de omissões com o objetivo de fazer com que a Bíblia ficasse menor e circulasse mais facilmente pelo país. Dessa forma, um número maior de pessoas teve acesso a ela.

## 5.4

### A tradução na França renascentista

A importância da tradução no processo de desenvolvimento e fortalecimento da língua francesa foi similar à que se verificou no inglês; ou seja, nos dois casos a tradução contribuiu muito para o enriquecimento do vernáculo. A tradução na França renascentista floresceu sob a proteção da Coroa. Carlos V, o Sábio, que sucedeu seu pai, João, o Bondoso, em 1364, instituiu a tradução como alavanca de uma política cultural adotada em seu reinado, o que indica o quanto a tradução foi importante para o estabelecimento da cultura francesa já no início da Renascença.

Nicolas Oresme (1320-1382), um dos mais importantes tradutores da corte de Carlos V, foi considerado um dos pioneiros da tradução para o vernáculo. Após ter traduzido para o latim os textos aristotélicos, ele os traduziu para o francês. Nos prefácios de suas traduções, Oresme defendia a importância da precisão e da introdução de novos termos na língua-meta. “Atribu[em]-se a ele aproximadamente 450 neologismos ainda correntes no francês moderno: *aristocatie, démagogue, législation, politique, sédition* e mesmo *langue maternelle*” (Delisle e Woodsworth, 1998: 49).

Na verdade, no século 14 os tradutores criaram um padrão erudito para o francês escrito, abrindo caminho para que o vernáculo, gradualmente, pudesse ocupar o território lingüístico dominado pelo latim. Como o vernáculo ainda era frágil em comparação ao latim, os tradutores buscavam alternativas para compensar as insuficiências da língua francesa. Dentre as estratégias utilizadas para essa compensação estavam: o empréstimo de palavras do latim; a paráfrase, quando necessária para a clareza textual; a criação de neologismos, acompanhados por glosas ou explicações; e combinações de palavras capazes de expressar o sentido de termos latinos ou gregos. Este último recurso deixou traços no francês contemporâneo em expressões como *sain et sauf* (“são e salvo”), comprovando o grande poder da tradução no desenvolvimento da língua francesa. Todavia, cabe

dizer que no século 16 o francês ainda era considerado inferior. A título de informação, cito:

A synthesis of sixteenth-century thought on translation can be found in Michel de Montaigne's *Essays* (1580-88). Montaigne talks about a hierarchical relationship between languages, with the vernacular being seen as the weaker idiom. (Salama-Carr, 1998:411)

Beneficiada pela invenção da imprensa no século 15, a tradução no século 16 conheceu uma grande efervescência na Europa em geral, impulsionada sobretudo por dois grandes movimentos: o Renascimento, que renovou o interesse pelas línguas e literaturas antigas, e a Reforma Protestante, que promoveu a tradução da Bíblia para o vernáculo. A grande efervescência intelectual, cultural e artística desse século propiciou uma idade de ouro para a tradução francesa renascentista. Em 1539, Francisco I proclamou o “Edito de Villers-Cotterêts”, que tornou obrigatória a substituição do latim pelo francês em documentos oficiais.

Durante todo o século 16 vigoraram duas doutrinas conflitantes sobre a relação entre a tradução e a língua francesa. Uma, seguindo Clément Marot (1495-1544), considerava a tradução importante exercício estilístico para o *enriquecimento* da língua. Em concordância com essa doutrina, Jacques Amyot (1523-1593), considerado o “príncipe dos tradutores”, apostava no enriquecimento do francês através da tradução. Para tanto, buscava um estilo simples e natural, um fraseado harmonioso, com preocupação sobretudo com a clareza.

A outra doutrina sobre a tradução e sua relação com o vernáculo, liderada pelo escritor Pierre de Ronsart (1524-1585), considerava a tradução um *perigo* tanto para a língua quanto para a literatura. Essa vertente, composta por poetas humanistas, ficou conhecida como La Pléiade. Du Bellay (1522-1560), que compartilhava as idéias da Pléiade, escreveu um tratado – *Défense et illustration de la langue française* – no qual recomendava que a língua fosse enriquecida com a imitação dos melhores e não com a tradução, pois ele não acreditava que estilo e eloquência pudessem ser aprendidos com a tradução. Além disso, criticava o empréstimo excessivo de vocábulos de línguas estrangeiras. Com a repercussão dos questionamentos de Du Bellay, alguns escritores evitaram a tradução.

Nessa época, Calvino (1509-1564) – influenciado pela Reforma Protestante –, após estudar grego, hebraico e teologia no College Royal, publicou em latim e depois em francês sua principal obra: *L'institution de la religion chrétienne* (1541). Segundo Deslile e Woodsworth (1998: 51), “Calvino traduziu sua própria obra para o francês como um serviço prestado a sua pátria: à *notre nation française*”. Sua obra plasmou em vernáculo assunto até então restrito à língua latina por imposição da Igreja Católica. Além de ser um dos criadores da eloquência francesa, Calvino é um dos formadores do francês moderno juntamente com Rabelais e Amyot.

Em suma, para atingir o objetivo da tradução na França renascentista, que era o de enriquecer o vernáculo, foram utilizadas como principais estratégias tradutórias o empréstimo, a paráfrase e os neologismos. A prática tradutória francesa nessa época caracterizou-se essencialmente pela imitação.

## 5.5

### **A tradução na Alemanha renascentista: a Bíblia de Lutero**

Assim como na Inglaterra e na França, a tradução na Alemanha renascentista promoveu o fortalecimento de sua língua nacional. Da mesma forma, o latim exerceu forte influência no processo de desenvolvimento do alemão, uma vez que desde a Idade Média as traduções da Bíblia se baseavam na *Vulgata* latina de São Jerônimo (331-420). Embora no início do Renascimento o vernáculo alemão já tivesse um considerável alcance lingüístico que possibilitava expressar conceitos sofisticados como os teológicos e os filosóficos, ele ainda comportava grande variedade de dialetos – a unificação só ocorreria no final do século 18.

No século 16, a tradução da Bíblia para o vernáculo, efetuada por Martinho Lutero (1483-1546), contribuiu para o estabelecimento da língua e da identidade alemãs.

Essa tradução, com efeito, marcou o início de uma tradição da qual o ato de traduzir é, a partir de então – e até hoje –, considerado como uma parte integrante da existência cultural e, mais ainda, como um momento constitutivo do germanismo, da *Deutschheit*. (Berman, 2002: 28)

Dessa forma, a Bíblia de Lutero foi decisiva para a auto-afirmação da língua alemã perante o latim.

De fato, Lutero representou mais que um expoente religioso na cultura alemã do século 16. Ele conseguiu mobilizar todas as classes sociais, que já se insurgiam contra o *status quo*, e reformou a teologia cristã da Igreja Católica. Além disso, Lutero foi o elemento aglutinador do anseio de mudanças sócio-culturais na Alemanha de seu tempo. A divulgação sistemática da Bíblia em língua alemã com a finalidade de ser compreendida pelo povo ajudou a consolidar a Reforma. Esse anseio de mudanças sócio-culturais advinha, sobretudo, da classe média em ascensão, a qual queria ver reconhecido seu poder econômico-social. Havia ainda o desejo de unificação e fixação da língua alemã e de fortalecimento da cultura. Lutero respondeu a esse desejo com sua sensibilidade e competência lingüísticas para transformar um texto complexo como o bíblico em um texto assimilável pelo homem comum. Para tanto, ele levou em conta a linguagem falada pelo povo, utilizando em sua tradução formas lingüísticas de conhecimento coletivo.

Em sua tradução, Lutero seguiu alguns princípios, fez uso de algumas estratégias. Primeiramente, defendeu a tradução direta, ou seja, o retorno às línguas e textos originais: ao hebraico – língua do Antigo Testamento – e ao grego – língua do Novo Testamento – sem, contudo, desprezar completamente a *Vulgata* latina (no caso do Novo Testamento). Outro princípio foi o da orientação para a cultura-meta: Lutero ajustou o texto bíblico à mentalidade e ao espírito de seu meio e de sua época. Ele entendia que muitas vezes não bastava realizar uma equivalência semântica. As diferenças históricas e de formas de expressão entre a Alemanha do século 16 e a sociedade em que a Bíblia tinha sido escrita eram extremas. Assim, o texto bíblico sofreu alterações formais para superar essas diferenças históricas e lingüísticas. O terceiro princípio seguido por Lutero foi o de que a tradução deveria privilegiar o sentido – em certa medida, a tradução era uma interpretação. A exatidão filológica não era a principal preocupação de Lutero, para quem a tradução deveria lutar pela adequação moral; os tradutores precisavam ter experiência pastoral, além de conhecimentos filosóficos e teológicos.

Lutero entendia que uma tradução palavra-por-palavra não atenderia ao seu objetivo de tornar o texto bíblico compreensível ao homem comum. Tal fato o

levou a descartar muitas vezes a tradução palavra-por-palavra e fez com que ele acrescentasse palavras que não constavam no texto de origem para atender o objetivo de expressar o sentido do original. Lutero justificou essa estratégia tradutória com o argumento de que somente assim “a mulher em sua casa”, “as crianças na rua” ou o “homem no mercado” poderiam compreender a Bíblia (ver Robinson, 2002: 87).

Acusado por membros da Igreja Católica de alteração e falsificação das Sagradas Escrituras, Lutero defendeu suas traduções em dois textos: *Sendbrief vom Dolmetschen* (1530) – “Carta circular sobre a tradução” – e *Summarien über die Psalmen Und Ursachen des Dolmetschens* (1531-33) – “Defesa da tradução dos Salmos”. Neles, refletiu sobre problemas teóricos relativos à tradução, tais como a tradução palavra-por-palavra e a tradução sentido-por-sentido; a naturalização dos textos traduzidos, ou seja, a sua adequação à cultura de chegada; o estilo e a importância da contextualização da tradução.

Em ambos os textos, Martinho Lutero se valeu de alguns exemplos retirados da *Vulgata* latina, tradução que São Jerônimo procurou fazer palavra-por-palavra, e, contrastando-os com a sua, que priorizava o sentido, defendeu o método que utilizava. Um destacado exemplo é o acréscimo da palavra *allein* (“só”), usada com o sentido de “somente”, na Epístola de São Paulo aos romanos (3:28), onde a palavra *sola* não aparece na versão latina. Trata-se do fragmento do versículo em que Deus declara o homem livre de culpa *só* pela fé, sem exigir-lhe o cumprimento da Lei. Isso significava dizer que o homem alcança a justiça de Deus não pela obediência à Igreja, mas *somente* pela fé. Essa argumentação atingiu o cerne da Igreja Católica como instituição.

Eu quis falar alemão, não latim e nem grego, pois havia decidido falar alemão na tradução. Mas o uso da nossa língua alemã implica que, quando se fala de duas coisas das quais se afirma uma negando a outra, emprega-se a palavra *solum*, somente, ao lado da palavra “não” ou “nenhum” [...] E assim por diante, de maneira constante no uso cotidiano. (*apud* Berman, 2002: 50)

Lutero justificou sua tradução não só com argumentos lingüísticos, mas também teológicos, uma vez que como teólogo conhecia bem a palavra sagrada. E defendeu sua posição de que *somente* a fé salva com outras passagens bíblicas, como Romanos 4:25, em cujo versículo encontra-se a afirmação de que é a morte

e a ressurreição de Cristo que nos livram do pecado e nos deixam sem dívidas para com Deus (ver Robinson, 2002: 89).

Um outro exemplo é o de Mateus 12:34. Para corrigir a obscuridade da tradução latina palavra-por-palavra de *Ex abundantia cordis os loquitur* (“A boca fala a partir de um excesso do coração”), Lutero utilizou um conhecido provérbio alemão – *Wes das Hers voll ist, des geht der Mund über* (“Quando o coração está pleno, a boca transborda”) – para criar seu equivalente bíblico: “A boca fala daquilo que abunda no coração”. Ao assim proceder, Lutero adequou o texto a sua cultura e o aproximou ainda mais do leitor.

Esses exemplos, para Lutero, destacam a importância da correspondência de sentido na língua-meta, justificando, assim, seu modo de traduzir. Para ele, a tradução palavra-por-palavra traía o sentido genuíno do original.

Com a utilização do tom coloquial em sua tradução, Lutero visava tornar seu texto compreensível a todos, ainda que mantivesse um equilíbrio dosado entre os registros culto e corrente, entre a linguagem sagrada e a cotidiana, o que nunca tinha sido conseguido até então. A língua popular foi, para Lutero, fonte permanente de inspiração, autoridade que sustentou a frequência de expressões coloquiais em sua tradução.

A tradução luterana foi mediadora das diferenças dialetais na Alemanha de seu tempo e funcionou como unificadora dessa heterogeneidade lingüística. Lutero queria oferecer ao homem seu contemporâneo um texto em bom alemão e, ao mesmo tempo, acessível. Para tal, era mister manter algo dos dialetos e, concomitantemente, elevar o alemão local a um alemão comum a todos. Em sua tradução, utilizava um estilo de linguagem com muitas imagens, muitas expressões populares, ao mesmo tempo em que fazia uma espécie de “desdialelização”. Ele almejava “traduzir para um alemão que *a priori* só pod[ia] ser local, o seu, o *Hochdeutsch*, mas [objetivava] elevar, no próprio processo de tradução, esse alemão local a um alemão comum” (Berman, 2002: 50). Com isso, o povo, ao qual a Bíblia luterana era destinada, decorou rapidamente várias de suas passagens e as integrou ao seu patrimônio, o que constituiu uma contribuição para a unificação da língua alemã. A Bíblia de Lutero tornou-se a “pedra angular da Reforma na Alemanha”. Ao se opor ao latim como língua oficial da Igreja Católica e da escrita literária, Lutero fez da tradução um

recurso de desenvolvimento e fortalecimento da língua alemã. Atribui-se a ele a responsabilidade pela fundação do alemão literário.

Ainda em relação às estratégias tradutórias adotadas, Lutero, apesar de ter insistido na “germanização” do texto, seguindo seu princípio de orientação para a cultura-meta, também permitiu que as fronteiras do alemão fossem “invadidas”:

traduzimos de vez em quando diretamente as palavras, ainda que tivesse sido possível retomá-las de modo diferente e mais claro [...]. É por essa razão que devemos [...] conservar tais palavras, aclimatá-las e deixar à língua hebraica o seu espaço quando ela pode fazer melhor do que faria o nosso alemão. (Lutero *apud* Berman, 2002: 60)

Em poucas palavras, a prática tradutória de Lutero revelou sua sensibilidade para eleger estratégias convenientes ao contexto político-religioso em que foi realizada. Ele priorizou a tradução sentido-por-sentido – embora, às vezes, tenha traduzido palavra-por-palavra ou conservado o termo da língua estrangeira – e recorreu ao texto original e à versão latina. Porém, como analisou Berman (2002), não se tratava de uma “flutuação metodológica”, mas sim do que era possível e necessário naquele momento histórico.

Luther chose to meet a daunting challenge: how to express the Word of God, as codified in the Bible, in the language of the common people who were unable to read Latin, Greek or Hebrew. [...] Expressing the biblical message in German meant translating “freely” [free translation ou tradução sentido-por-sentido], given the “letters their freedom” [...] However, when essential theological “truths” were concerned, Luther would sacrifice this principle of intelligibility and revert, for doctrinal reasons, to word-for-word translation. (Kittel e Poltermann, 1998: 421)

Como já dito, além da importância religiosa e literária, a tradução luterana teve grande importância política, uma vez que representou a expansão e a fixação do idioma alemão como traço de nacionalidade e de identidade cultural. Quando uma língua se estabelece na cultura, isso equivale a dizer que essa língua adquiriu dimensão política.

Em sua obra *A prova do estrangeiro*, Berman (2002: 57) considera a tradução de Lutero uma tradução histórica – “aquela que faz época enquanto tradução, aquela em que a tradução aparece *como tal* e tem acesso, assim, estranhamente, à posição de uma obra e não mais [...] de humilde mediação de um texto ele próprio histórico”.

A partir da Bíblia de Lutero (1530), a tradução desempenhou um importante papel na literatura alemã, que se desenvolveu a partir do contato com literaturas estrangeiras: obras clássicas, primeiramente; obras inglesas, espanholas, francesas e italianas, posteriormente.